

Os elementos pagãos dentro do cristianismo foram usados para conquistar Roma: "A missa católica é a derradeira tragédia grega."

Em 'O Filho do Homem', Juan Esteban Constaín analisa a longa simbiose cultural e religiosa que acabou por levar uma seita judaica marginal ao poder do império.



Retrato de Jesus Cristo em mármore incrustado, datado de cerca do século IV, conservado no museu arqueológico de Óstia (Itália).DEA / G. NIMATALLAH (DE AGOSTINI VIA GETTY IMAGES)

[RICARDO DE QUEROL](#)

[03 de abril de 2026 - 00:30 BRT](#)

No verão de 2021, quando o mundo reabriu para o turismo após o Grande Confinamento, o escritor colombiano [Juan Esteban Constaín](#) levou suas filhas para visitar as catacumbas de Roma.

Um detalhe o impressionou: [a representação de Orfeu](#), um dos heróis da mitologia grega, filho de Apolo, que tocava lira para animais e humanos e que tentou resgatar sua amada Eurídice do Hades, o reino dos mortos. “O que os primeiros cristãos fizeram foi equiparar Orfeu a Cristo”, explica Constaín (Popayán, 46 anos), historiador, romancista e ensaísta. Orfeu também era um bom pastor e um salvador, alguém que desafiou a morte. Ele então pensou em escrever um breve ensaio sobre a simbiose entre o cristianismo primitivo e o paganismo, que ele imaginou que teria cerca de 20 páginas. No final, o texto chegou a 554 páginas: o resultado se chama [O Filho do Homem: Grécia, Roma e o Nascimento do Cristianismo](#) e foi publicado pela editora Debate.

Essas mais de quinhentas páginas sequer esgotaram o que o autor queria contar: a intensa influência mútua entre as diferentes culturas do Mediterrâneo e do Oriente Próximo, uma região que, nos poucos séculos anteriores à era cristã, era mais diversa do que se costuma acreditar. Mesmo a Judeia e a Galileia eram multiculturais, estando "próximas de tudo: Grécia, Pérsia, Babilônia". Constaín queria chegar a Constantino, o imperador que tirou a nova fé da obscuridade e a trouxe para o coração do poder romano no século IV. Mas ele já havia escrito páginas demais. Haverá um segundo volume, que está sendo escrito atualmente.

Para explicar as origens do cristianismo, como ele passou de uma seita judaica marginal à religião oficial do Império Romano, e para dissecar sua “apropriação da herança gentia”, o autor teve que recuar muito no tempo. Ao judaísmo do Segundo Templo, reconstruído em Jerusalém após o cativeiro babilônico; à expansão para o leste da cultura helenística, a partir de Alexandre, o Grande (algo que os gregos, apegados às suas cidades-estado, “viam com horror”); às origens de Roma, do mito de Rômulo e Remo ao seu domínio sobre todas as margens do Mediterrâneo. Uma jornada pelo mundo clássico que oscila entre Jerusalém e Roma, mas também passa por Alexandria, Atenas e Antioquia. E na qual Sócrates e Platão, Marco Antônio e Cleópatra, a

Odisseia de Homero e *a Eneida* de Virgílio, quase canonizada posteriormente, fazem aparições.

Voltemos ao início: os judeus libertados por Ciro e que retornaram à terra de seus ancestrais no século VI a.C. trouxeram consigo "aquela ideia de vida após a morte, de origem persa e zoroastriana, que é fundamental para o conceito cristão de salvação", explica Constaín em um encontro em Madri, onde faz escala a caminho de Berlim. A identidade judaica havia se consolidado após a Revolta dos Macabeus contra o Império Selêucida, por volta de 160 a.C. E, nos séculos seguintes, esse povo mergulhou na cultura grega. "O evento fundador do cristianismo é a helenização do mundo judaico após as conquistas de Alexandre e seus descendentes", explica Constaín. "Os judeus reafirmam sua identidade e sua fé no monoteísmo. Mas há uma divergência do ponto de vista cultural e linguístico. Na região de Jerusalém, há bilinguismo e até trilinguismo: falam hebraico e aramaico e estão aprendendo grego. E na diáspora, as comunidades judaicas começam a exigir traduções dos textos sagrados para o grego, que é a língua da literatura e da filosofia pagãs. Assim, as categorias mentais gregas entram em cena. ”

Paulo leva a mensagem cristã de uma esfera judaica fechada para o mundo gentio. Ele é um estrategista político e comercial fenomenal.

Somente nos dois últimos capítulos o autor tenta fornecer um retrato detalhado de Jesus de Nazaré, tanto a figura histórica quanto aquela descrita nos Evangelhos — em todo caso, argumenta ele, a figura mais influente na história da humanidade. O livro conclui com a aparição [de Paulo de Tarso](#), a figura central na transformação do novo culto em uma religião universal. “Paulo é quem leva a mensagem cristã daquela esfera judaica fechada e a conduz livremente ao mundo gentio. Ele era um estrategista político e comercial fenomenal, excepcionalmente talentoso, com um dom notável para a retórica. Um intérprete iluminado da mensagem de Jesus. ”

Paulo entraria em conflito com Tiago (ou Tiago, o Justo, irmão de Jesus) e com Pedro (o sucessor oficial) na defesa dessa visão universal do cristianismo, que não exigia a adesão a rituais judaicos como a circuncisão. Quando Jerusalém foi conquistada pelos romanos por volta do ano 70, “essa versão judaico-cristã foi extinta, e não sabemos qual teria sido o seu futuro”. O que restou foi “o cristianismo da Diáspora, agora inteiramente paulino e grego, e profundamente influenciado pelo paganismo”.

Ao lado de Paulo está Lucas, o Evangelista, também muito influente, um autor de mérito literário que, segundo Constaín, "parece um daqueles cronistas do Novo Jornalismo em suas técnicas narrativas". Não é coincidência que os Evangelhos tenham sido escritos após a derrota dos judeus, entre 70 e 100 d.C., e em grego.



*O escritor Juan Esteban Constaín, semana passada nas instalações do EL PAÍS.***CANDELA ORDÓÑEZ**

O escritor sabe que está pisando em terreno instável, que nem sempre é possível distinguir mito de fato histórico, mas ambos deixam sua marca nas gerações subsequentes. "A história também é uma ficção coletiva: uma narrativa com a qual a sociedade concorda e aceita, um ato de fé", escreve ele.

O aspecto mais interessante da história do cristianismo, explica ele, “é como uma seita messiânica e marginal, ao longo de três séculos, derrubou o Império Romano, a maior expressão de poder que já existiu”. Roma, diz ele, tornou-se “o epítome desse encontro entre paganismo e cristianismo”. A transição do politeísmo para o monoteísmo envolveu “concessões à herança pagã que são compreensíveis e foram muito eficazes para garantir a entrada dos pagãos no cristianismo”. Isso abrange tudo, desde a referência a Orfeu até a Santíssima Trindade, incluindo a veneração de santos e virgens. E, em particular, a forma que a missa católica assume, que é “a versão máxima possível da tragédia grega em nosso mundo. Porque estamos ali diante de um Deus e um herói que caminha para o inevitável cumprimento de seu destino”.

A Igreja Católica tornou-se então, e permanece até hoje, "a continuação mais evidente e profunda de Roma", o que se reflete "tanto em suas expressões de poder quanto em suas expressões culturais, sempre ligadas àquela ideia do latino ou do romano". Isso inclui sua língua, o latim, e até mesmo o título de *Pontífice Máximo*, outrora ostentado por Júlio César e ainda usado pelos papas. A partir do Renascimento, o mundo cristão abraçou sem pudor a cultura pagã, mas essa cultura já estava presente em suas próprias raízes.

Constantino é um político visionário que compreende que o cristianismo já é uma força avassaladora.

Este assunto será abordado no segundo volume, mas Constantín apresenta sua visão de Constantino na conversa, explicando as razões para a legalização do cristianismo e sua subsequente ascensão à religião oficial. Em anos muito turbulentos, o imperador admirava a resistência dos cristãos que permaneceram na clandestinidade durante a feroz perseguição de seu antecessor, Diocleciano. “E Constantino disse: quanto mais essas pessoas

forem perseguidas, mais bem organizadas elas se tornarão; é disso que precisamos para a guerra civil. Na narrativa oficial, isso tem nuances diferentes, mas Constantino era um político visionário que compreendeu que o cristianismo já era uma força avassaladora e que era vantajoso incorporá-lo ao império. ”

E esse cristianismo, que passou de perseguido a aliado do poder imperial, desviou-se da mensagem revolucionária e radical de Jesus de Nazaré? “Em muitos aspectos, sim, sem dúvida, mas porque se passaram três séculos e o contexto é muito diferente. A mensagem de Cristo era centrada na redenção, na vida após a morte, mas a sua igreja compreendeu que essa mensagem não tinha futuro sem fazer um pacto, nesta vida, no aqui e agora, com aquele poder que até então o perseguia tanto. ”

Constaín não acredita que estejamos vivenciando um retorno massivo à fé (como se inferiu de fenômenos como [o álbum *Lux*, de Rosalía, ou o filme *Los Domingos*](#)), mas sim um crescente interesse em suas manifestações culturais e históricas. “O mundo moderno está repleto de substitutos superficiais para a religião, como esse slogan de espiritualidade, que inclui ioga, pilates ou meditação transcendental. Esse substituto já não basta, e as pessoas estão buscando algo a que se apegar. ” Ele se surpreende com a ascensão dos evangélicos: “Na América Latina, o catolicismo era o pilar da cultura, com uma inegável história de repressão. A única coisa que conseguiu fragmentá-lo não foi o republicanismo secular, liberal e iluminista, mas o protestantismo evangélico. ” Um novo desafio para a Igreja Católica, que se tornou o legado mais duradouro do Império Romano.

SOBRE A EMPRESA

[Ricardo de Querol](#)